

SABEDORIA E JARDIM

Markus Figueira

“Portanto, sendo tal caminho útil a todos os que se familiarizam com a investigação da natureza e desse modo de viver, tiro principalmente a minha calma, preparei para teu uso uma espécie de epítome e um sumário dos elementos fundamentais de minha filosofia em sua totalidade. (D.L., X,37)”. 1

“Assim, se esta exposição for memorizada cuidadosamente e produzir efeito, creio que qualquer pessoa, seja ela quem for, embora não penetre em todos os detalhes mínimos conquistará uma segurança incomparavelmente forte em comparação com o resto da humanidade (...). É tal a natureza deste resumo que aqueles que em medida suficiente ou completa já possuem conhecimentos especiais, analisando-os à luz dessas noções elementares, poderão realizar o maior número possível de investigações sobre a natureza, por outro lado, aqueles que ainda não tenham atingido a condição de estudiosos maduros, com base nesses elementos e sem a palavra viva do mestre, poderão recapitular com a

rapidez do pensamento as doutrinas mais importantes para a serenidade da alma (D.L., X, 83)".²

"Em primeiro lugar, lembra-te de que, como tudo mais, o conhecimento dos fenômenos celestes, quer os consideramos em suas relações recíprocas, quer isoladamente, não têm outra finalidade além de assegurar a paz de espírito e a convicção firme, à semelhança das outras investigações. (D.L., X, 85)".³

As duas passagens da Carta a Heródoto, bem como esta última da Carta a Pytocles, têm um sentido comum expresso com a clareza peculiar à linguagem epicúrea, qual seja o de mostrar que a compreensão acerca da natureza das coisas (*peri physeos*), ou dos fenômenos, quer sejam terrestres, quer sejam celestes, tem por finalidade a *ataraxia*, ou a tranquilidade da alma. Esta idéia é capital no pensamento de Epicuro, pois entendemos que o saber acerca de *physis* tem o seu telos projetado no exercício da vida prática, ou no modo da vida filosófico.

Com efeito, a realidade do pensamento epicúreo reside na associação do pensamento contemplativo ao exercício prático do existir. O sentido é posto na realização constante da sabedoria de vida, pois a filosofia para Epicuro, consiste no exercício ético da sabedoria adquirida na compreensão da natureza das coisas. Neste sentido, não se ocupou das questões que brotam nos domínios da política e da teologia por entender que o pensamento deve questionar em primeiro lugar o modo de ser do homem, e nesta medida, ser crítico em relação ao que se apresenta como *modus vivendis*, recusando o estágio em que se encontrava como natural, buscando lhe opor um sentido filosófico de existir, a partir da criação de novos valores éticos, que possam proporcionar segurança, equilíbrio e tranquilidade à alma.

Dito de maneira mais simples, a filosofia é para Epicuro uma espécie de saber para a vida (*téchne tis peritón bion*). Isto significa que seu caminho é o da realização de um "modo de ser" impulsionado pelo saber acerca de todas as coisas que interessam à manutenção da vida. A busca da sabedoria é por si um exercício de vida, esta busca tem um sentido que se expõe no modo como ela se efetua. Busca-se sobretudo o saber acerca da *physis*, ou da compreensão "acerca da natureza" (*peri physeos*). A efetivação da vida é a realização dessa busca mediante um modo próprio de ser sábio e prudente.

A sabedoria tal e qual nos é apresentada por Epicuro resulta da vigência de determinadas noções que explicitam o modo de ser do sábio. Tais noções se articulam no sentido de expor uma possibilidade de equi-

líbrio na relação homem-mundo, apreendido a partir da compreensão de *physis*.

A noção de *phrónesis* aparece articulada à noção de *autarkeia* de maneira que se torna impossível, neste contexto, compreendê-la isoladamente. Simplesmente porque *physis* traz em si a compreensão de uma medida-equilíbrio- que assume na natureza humana as características de *phrónesis* e *autarkeia*.

A *autarkeia* do *sophós* é expressão de um domínio de si, ou de um equilíbrio natural por ele alcançado quando sua alma, livre de perturbações, harmoniza-se com o corpo. O que leva a esta harmonia é a compreensão do que é natural e necessário à realização plena de sua *physis*. Aquilo que Epicuro chamou de “elemento sem nome” e que compõe junto com “calor” e o “sopro vital” a alma humana, pode ser o elo de ligação entre a alma (*psyché*) e o corpo (*sarkós*) na realização de sua natureza, atuando como uma espécie de energia que conduz o homem a um equilíbrio, ou à mesma medida, tanto no pensar como no agir. A *phrónesis* corresponde a este equilíbrio, pois possibilita a ação voltada para a realização dos desejos naturais e necessários à manutenção de uma harmonia entre o homem e as coisas do mundo, e uma serenidade em relação aos seus sentimentos.

O sábio epicúreo vê nessa medida (equilíbrio) o sentido da existência humana, direcionando seu pensamento para o exercício de uma vida que valorize o conhecimento de si próprio, como equilíbrio entre desejo e necessidade. A alma dá ao sábio o sentido do equilíbrio, dotando-o de *phrónesis*.

Entretanto, a “vida autárquica” projeta o sentido de sua realização: ser feliz. Ser feliz é estar tomando de prazer e serenidade. Trata-se, portanto, de “um estado de ser” resultante de um “modo de ser” ou de uma sábia prudência (*phrónesis*) vivenciados.

De modo sutil e, infelizmente, sucinto, Epicuro nos sugere como autênticos problemas de sua filosofia, a compreensão de *physis* e o seu desdobramento ético: a efetivação de uma conduta sábia. Há neste pensamento a tentativa de não dissociar em nenhum momento, pensar e agir. Esta concepção de filosofia só poderia emergir do sentido de *autarkeia*, já que o exercício proposto por Epicuro é o da realização de um *éthos*, isto é, de uma conduta reflexiva e investigadora. Isto significa que o exercício desta filosofia é crítico, na medida em que estabelece uma ruptura com um conjunto de valores que refletem o *éthos* de uma sociedade, onde o sentido de *autarkeia* há muito se perdeu. Permanecer sustentando-se em “valores comuns”, isto é, em valores derivados das crenças populares, sobretudo as religiosas e políticas, significa manter-se nos limites de uma existência intranquã e, portanto, infeliz. Epicuro concebia um único caminho (*hódos*) para o exercício autárquico da filosofia,

ou da vida sábia, que o levou a afastar-se das práticas comuns da pólis. Para o sábio epicúreo, o pensamento deve se ocupar em realizar uma existência feliz e, não sendo possível realizá-la em confronto com opiniões vazias (*kenón dóxai*), precisa abandonar o éthos mantenedor da pólis e buscar realizar um “modo de ser” que expresse o equilíbrio como sentido de sabedoria.

Trata-se portanto de migrar, de mudar, de transpor os limites da pólis. O desfazer-se do “ideal político” representa a única condição de se ter a *autarkeia*. *Autarkeia* significa, então, perda de valores, projeção de um sentido para a vida, um sentido que constrói novos valores a partir de uma compreensão autêntica (filosófica) da *physis*. Não obstante as enormes dificuldades de desprender-se dos domínios políticos, Epicuro concebeu como finalidade do pensamento, a realização de uma vida sábia, de uma simplicidade sem igual, buscando o que lhe é estritamente natural e necessário.

O jardim (*kepós*) é o resultado de um ato de libertação do jugo moral e político aos quais se submetiam todos aqueles a quem faltava o poder de discernimento entre a opinião reflexiva e a opinião comum. O jardim significa o distanciamento e o rompimento da vida sábia em relação à vida comum. o sentido sábio de distanciamento também é uma consequência da compreensão epicúrea de *autarkeia*.

O caminho da “recriação”, isto é, da projeção de um sentido da vida não é algo que ocorra com frequência, pois resulta de um posicionamento no mundo. Além das incompatibilidades políticas e ético-religiosas que existem entre Epicuro e a sociedade ateniense, o pensamento acerca de *physis* impulsionou a realização do jardim. Se a compreensão de *physis* significa também a compreensão do que é natural e necessário ao homem, é dela que provém a autonomia do sábio em relação à pólis, em razão de satisfazer-se no mundo natural.

É do “retorno” a este mundo natural, onde se compreende a pluralidade das manifestações de *physis*, que fluirão novos agregados sociais”, novas composições nas quais a *autarkeia* e a *opheleia* (convivência mútua), produzirão a amizade (*philia*). Tanto quanto a convivência, o conhecimento (diánoia) também depende da conduta sábia e prudente do pensador, uma vez que a *phrónesis* molda a ação do *sophós* em relação às pessoas do seu convívio e também em relação às coisas da natureza, isto é, *phrónesis* quer dizer também moderação no sentido dado ao conhecimento, tanto dos fenômenos macrofísicos, quanto nos chamados fenômenos físicos. Neste sentido, quando o conhecimento de *physis* é buscado obedecendo o critério da convivência, é sábio e prudente, porque reflete a compreensão, e não a interferência, do *physiólogoi* quando investiga a natureza das coisas, corroborando o sentido de equilíbrio que configura o *éthos* por ele concebido.

A revelação dos fenômenos físicos pela linguagem atende à sabedoria naquilo que ela necessita para não se deixar tomar por crenças e opiniões vazias. Não há na investigação fisiológica o interesse em apropriar-se, para assim dominar a *physis*, isto é, não há uma intenção "científica", na elaboração do saber acerca da *physis*.

Epicuro dá, com efeito, um tratamento ético à questão da compreensão de *physis*, mostrando a finalidade desta compreensão para a *autarkeia* do *sophós*. O sábio é autárquico na medida em que se desprende das crenças da opinião comum; e isso ele consegue mediante o exercício da *physiologia*. A *phrónesis* dá também ao sábio o sentido de realização de sua própria existência. Ele põe em obra um "modo de ser" que se expressa através das escolhas e recusas que faz, tendo em vista as possibilidades de vida que se lhe apresentam, ou como práticas, ou como possibilidades de recriação. A esta atividade - pôr em obra - chamamos *éthos* do *sophós* epicúreo; um *éthos* que resulta do *logismós*, moduladores da conduta, ou do "modo de ser" do sábio.

Epicuro moveu-se para o cumprimento desta atividade e buscou experimentar recompor suas relações mediante a escolha de um lugar (*locus*), no qual diferentes pessoas tivessem o mesmo princípio de convivência: a *philia*. A tentativa de redimensionar as relações entre os homens a partir de um princípio de harmonia e busca de sabedoria, faz dele um pensador que liga a compreensão de *physis* ao exercício de vida, como se o homem buscasse no conhecimento, o equilíbrio em relação ao mundo. A começar pelas relações humanas.

Acreditamos ter sido este o único e verdadeiro sentido do jardim (*képos*): possibilitar o exercício de uma vida voltada para a sabedoria, na qual o equilíbrio entre os homens amigos (*philos*) expresse o equilíbrio físico das coisas da natureza.

O jardim proporcionaria ao homem a abdicação de certos valores irremediavelmente presentes nas sociedades políticas, oferecendo a possibilidade de recriação de um *éthos*, no qual as diferenças se harmonizariam, porque haveria uma única finalidade: a experiência do prazer. O bem de todos surgiria do exercício coletivo de um modo de ser sábio, ou prudente. Ao sábio bastaria compreender o real sentido do *tetraphármakon*:

Não há nada a crer nos deuses; Não há nada a crer na morte; Podemos atingir a felicidade; podemos suportar a dor. (Apud Jean Salem: 1982, p.17)

e também que :

“O sábio só é compreendido pelo sábio, por isso, tratará de viver longe da multidão.”(D.L., X, 143).

O pensamento aparece já como possibilidade de se realizar como práticas de conduta e convivência. Sua atividade pode ser apresentada como o conjunto das reflexões tecidas no fluxo da vida de um grupo de pessoas que se agregam numa comunidade, pondo em obra os desígnios de tais reflexões. Este sentido prático tornar-se-ia o sentido do percurso de realização do homem, ou da vida do homem Epicuro. A ausência de misticismo conduziu seu pensamento no sentido da vida e não no sentido contrário:

“Enfim, não só o sábio procura viver escondido, não ‘só se ri de todo o destino e de toda a escatologia, mas vive no instante e não se preocupa com o amanhã, porque uma vida feita em função do futuro é uma vida inquietta.”(Us., 491)

Importa sobretudo ao sábio epicúreo a compreensão do ciclo da vida, enquanto *physis*. Dessa confiança no sentido natural de cada coisa existente, emergiria a *autarkeia* no homem. Epicuro reservou a si próprio apenas o cumprimento de seu pensamento. Nada o entusiasmava mais do que compor, junto aos amigos, a sabedoria que norteou a vida de cada um daqueles que entendiam que a felicidade parecia possível, naquele momento, ali no jardim.

Entretanto, a maior objeção que se pode fazer ao sentido comedido do conhecimento epicúreo é a seguinte: pode o homem viver e se reconhecer enquanto homem sem o “instinto inventivo” que o remete à constante criação, independentemente do valor utilitário que ela possa ter?

Este problema teima em permanecer atual. Hoje, mais do que nunca, refletimos sobre os avanços da ciência e da tecnologia, quase sempre apoiados num “ideal de modernidade” cuja história vem de longa data. Contudo, vivemos o declínio deste império da “razão” e da “subjetividade”, no qual nos debatemos com inúmeros problemas causados pelo uso desmedido do “poder fazer” em claro contraste com o “fazer coerente” com os desígnios da natureza humana que, no entender de Epicuro, busca naturalmente o equilíbrio com as coisas da natureza.

Problema insolúvel para quem aprendeu a viver na dependência da *pólis* (hoje chamada metrópolis) e das ciências (chamadas agora de especializadas) e escravos do tempo, que misticamente incute em todos o

dever e a preocupação com o futuro. No entanto, para um grego do século III, antes de Cristo, a natureza bastava ser compreendida, para que a vida no momento presente pudesse ser vivida intensa e serenamente. Epicuro já trilhava um caminho prudente, caminho este que seria perdido por todos os pensadores que de certa maneira se deixaram seduzir pela *hybris* da modernidade científica, já que a ele bastava o prazer de viver no jardim, longe da multidão insensata, onde não chegavam sequer as críticas daqueles que projetaram, já naquela época, a “vontade de poder” tão cara à contemporaneidade.

BIBLIOGRAFIA:

- BOLLACK, J. et alii. La Lettre d Epicure. Paris: PUL, S.d.
- COUCHE, M. Epicure: lettres et maximes. Paris: éd. de Mégare, 1977.
- ISNARD PARENTE, M. Opere di Epicuro. Un. Torino: Tipográfico Editrice Tonnesse, 1983.
- LAERTIOS, D. Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres. Brasília: UNB, 1988.